

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redacção, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 4.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANUNCIOS — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

AO SR. GOVERNADOR CIVIL

Cidadão:

Depois do que se passou entre nós dois, quando, acompanhado de tres correligionarios meus, estive com V. Ex.ª na sala nobre do governo civil, entendi que não deveria o caso ficar sem publicidade, para que o povo do distrito compreenda nitidamente quaes são as qualidades moraes do seu governador civil e para que V. Ex.ª tenha a certeza de que nem todos se lhe curvam e alguns ha que lhe reagem e o despresam. Logo n'esse dia eu quiz reproduzir n'uma carta aberta, dirigida a V. Ex.ª, as impressões que V. Ex.ª me deixou e a revolta que senti no meu espirito contra o seu modo de proceder, mas o adeantado da hora, pelo fato do jornal estar na maquina, obistou a que se realisassem os meus desejos. E com isso lucrrou V. Ex.ª, porque n'essa carta, escrita n'um momento de desespero, seriam talvez energicas de mais as palavras com que tentasse reproduzir a minha indignação.

Hoje, com o espirito um pouco mais sereno, ficarei muito aquém do fim que deveria atingir, mas nem por isso deixarei de lhe dizer as verdades com o desassombro e a altivez que sempre me caracterisaram.

V. Ex.ª veiu para esta cidade e assumiu as funções de governador civil do distrito. Não era das mais lisonjeiras a fama que trouxe e que lhe seguia os passos. No entanto, como a Republica, pesadamente o escravo, nem sempre tem sido escrupulosa na escolha dos seus funcionarios, V. Ex.ª entrou em exercicio, e lá se tem mantido, apesar de lhe ser manifestamente contraria a opinião publica. Sim, porque V. Ex.ª apenas tem a confiança da fatal camarilha negra que o rodeia. Pode crer.

Precisei uma vez, a primeira desde que V. Ex.ª constituiu o seu imperio civil, apresentar junto da autoridade superior do distrito uma ligeira reclamação atinente aos serviços administrativos da freguezia de Santa Barbara de Nexe, e em especial os que dizem respeito á lei da separação do estado das igrejas, essa lei que V. Ex.ª nunca leu nem ouviu ler, e que na referida freguezia está sendo vilmente enxovalhada por sua culpa.

E se convencidissimo declaro que V. Ex.ª nunca leu nem ouviu ler essa grande lei que tantos engulhos tem causado a gente boa, estribo-me na resposta que V. Ex.ª me deu a uma simples observação que lhe fiz. Chamava a sua atenção para a maneira degradante como a lei tem sido enxovalhada em varios pontos do distrito, e V. Ex.ª com os seus ares de grande sabio, respondeu-me que as autoridades administrativas nada tinham com a lei da separação.

Um governador civil a dizer uma heresia d'esta ordem! E foi por isso que V. Ex.ª ouviu de mim o que nem todos seriam capazes de lhe dizer. Essa heresia era propria de quem fala impensadamente e de quem se não presa de defender a integridade das leis basilares da Republica.

Quiz expor-lhe fatos concretos e foi para isso que no dia 20 me dirigi ao governo civil, onde pelo guarda n.º me fiz anunciado a V. Ex.ª. N'essa altura estava no seu gabinete o sr. Ludovico de Menezes, que lhe prendia todas as atenções. Depois do guarda lhe ter dito que o procurava o sr. dr. João Pedro de Sousa, V. Ex.ª veiu imediatamente cá fora e, assaz nervoso e cheio de pressas, como quem desejava despedir um impertinente que lhe fôra estorvar ás deliciosas conversas que mantinha com esse cavalheiro, apontou-me grosseiramente a porta da sala, e entramos para a sala nobre. V. Ex.ª estava inquieto, queria despachar-me rapi-

damente, sem prestar a menor atenção ao que lhe diziam. Espicaçava-o o desejo de conversar com o sr. Ludovico de Menezes, o desejo de se deliciar com palestras inuteis, em prejuizo dos interesses do distrito, da politica geral e da Republica. E porisso queria que muito depressa, vertiginosamente, eu lhe fizesse a minha exposição. E entretanto, manifestava, no olhar, nos trejeitos indelicados, a incorreta ansiedade de se ver livre de mim, do impertinente que lhe fôra interromper a utilissima conferencia. E então eu, que nunca admittia que ninguém, fosse quem fosse, menosprezasse os meus direitos de cidadão livre e a minha posição social, adverti-o de que a sua obrigação era ouvir com interesse, com delicadeza e boa educação as queixas que lhe formulassem. E V. Ex.ª nem assim. A pressa inquietava-o. N'essa altura, não estando disposto a consentir grosserias, pretendi retirar-me e V. Ex.ª, quasi deprimido durante-se-me dos hombros, não consentiu que me retirasse. Começava então a comedia. Agora já V. Ex.ª, sentindo-se caído do seu pedestal de vaidades e arbitrios, queria atender-me. E eu, ferido no meu orgulho e na minha dignidade, não ouvia as suas razões, não ouvia as suas palavras, porque V. Ex.ª, depois da incorrecção que manifestara, não tinha o direito de merecer as minhas atenções. E que V. Ex.ª esquecera-se de que na qualidade de governador civil tinha a estrita obrigação de ser cortez e de respeitar quem pela sua categoria social era digno de toda a consideração.

Foi indelicado, foi grosseiro e deixou-me no espirito a convicção de que só por um estúpido desastre o colocaram á frente do distrito, porque, francamente, admite-se que possa haver um governador civil que, como V. Ex.ª, não tenha as precisas aptidões politicas e administrativas, mas certamente não pode tolerar-se que para a chefia de qualquer distrito se procure uma entidade que não conheça os principios da boa educação e do respeito que devem merecer-lhe as pessoas que podem incluir-se na craveira social em que V. Ex.ª está incluído pela sua categoria de maior e de governador civil.

Já n'esse governo civil, desde a implantação da Republica, estiveram, antes de V. Ex.ª, dois magistrados: o sr. Zacarias José Guerreiro e o sr. Julio Cezar Rosalis. Não eram decerto dois competentes, mas eram inquestionavelmente dois cavalheiros, na melhor acção da palavra. O seu gabinete franqueava-se a todos os homens de bem e eles, os dois republicanos insuspeitos, metiam no coração todas as pessoas: nem eram somente os seus eguaes, os da sua plana, os homens de posição social. Ao sr. Julio Cezar Rosalis ataquei-o politicamente n'um comicio publico. Pois nem isso lhe provocou indelicadezas e rancores. Sempre o mesmo cavalheiro, o mesmo governador civil cumpridor dos seus deveres, a mesma creatura insinuante. Porque? Porque acima de tudo foi sempre bem educado.

Causa-me dó ver o que se passa hoje no governo civil, a cuja frente um ministro irrefletido collocou um homem sem noções de civilidade. Mas enfim... lembre-se V. Ex.ª de que nem sempre terá jus a esse logar e de que n'um futuro mais ou menos proximo, se V. Ex.ª quizer entrar nas salas do governo civil, terá que pedir licença ao magistrado que lá estiver, não obstante a sua qualidade de maior e ex-governador, e creia V. Ex.ª que não será facil depurar com quem desconheça ou ignore como V. Ex.ª as regras de civilidade, essas regras indispensaveis a todos os cidadãos e muito especialmente a quem enverga uma farda de maior ou assume a responsabilidade de dirigir politica e

administrativamente qualquer distrito.

Foi esta a primeira vez que no seu imperialado me dirigi a V. Ex.ª, procurando-o no governo civil.

Nunca ahi entrei para engraxar as botas a qualquer magistrado, nem para solicitar quaesquer favores.

Nunca procurei os governadores civis para os adular.

Esse papel que o representem aqueles que não teem a dignidade precisa e altivez sufficiente para fazer respeitar os seus direitos de cidadãos livres. Eu não. Prêso a minha liberdade acima de tudo e tenho independencia bastante para não consentir que V. Ex.ª ou qualquer outro se venturiario do Estado menospreze a minha posição social. E é preciso que V. Ex.ª atenda bem n'estas palavras.

Lamento o que se passou entre mim e V. Ex.ª, mas visto que os fatos se consumaram, apresentemo-los ao Povo com toda a sua pureza e verdade. E para terminar, frizemos a seguinte circumstancia: Aventou-se pela cidade que V. Ex.ª, no dia em que se deram estes acontecimentos, me poz fóra do governo civil. Atribuem esta declaração a V. Ex.ª. Pois, senhor governador civil, se V. Ex.ª cometeu a insensatez de dizer que me poz fóra do governo civil, felsecou a verdade, e expresse-me d'este modo para lhe não dizer que mentiu, pois bem deve recordar-se de que fui eu que, profundamente indignado pelas suas incivilidades, lhe voltei as costas e sai porta fóra em sinal de despreso. Se não foi V. Ex.ª quem espalhou esse boato com que se procura amesquinhar a minha situação perante os acontecimentos, então lastimo que na cidade de Faro haja individuos tão falhos de caráter, que se deem ao mister de desvirtuar as coisas, mentindo infamemente.

João Pedro de Sousa.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

A velhota

Com aquele espirito ironico que tão distintamente a caracteriza, escreve *A Nação*:

«Corre tudo na mais bonançosa maré. Nada indica o receio de uma tempestade iminente.

Dentro e fóra do paiz desenvolveram-se as maravilhas. A força ostenta-se sem receio.

A vassalagem interna dá o braço ao apoio externo. Em pouco tempo desfizeram-se duvidas, aplanaram-se dificuldades. As testas coroadas sorriem complacentes para o nosso barrete frigidó.

Nosso? Pois *A Nação* tambem o quer para si? E nós a supomos que *A Nação* apenas desejava ornamentar a frente veneranda com *chichis, cuias e bandós* do seculo passado...

Pensionistas

Compreende-se agora a attitude adotada pelos padres que, em principio, recusavam a pensão. Não os demoveu a excomunhão, nem tão pouco os amedrontaram as penas dos infernos. O caso não era de conciencia, mas tão somente de cevada. Realmente para quem dispunha a rôdo das indulgencias, era pouco o que o Estado offerencia. Os santos varões bateram o pé e exigiram mais: O Estado teve que ceder, pon-do-os de casa e pucarinho. Crê-se que assim todos ficarão satisfeitos.

Moto contínuo

Entre as figuras predominantes do *complot* militar de Evora; cuja descoberta se deve á Carbonaria e ao elemento militar republicano de cavalaria 5; figura aquiclé celebre tenente José Bruno Cabedo, preso o ano passado em Faro por fazer parte do *complot* algarvio então descoberto.

Apesar de existirem provas de sobejo contra-ele, foi absolvido e voltou para a fileira, mas de nada lhe serviu a lição.

Em vez de emendar-se, o Cabedo não tardou em dar sinal de si, voltaudo a conspirar descaradamente.

Agora está preso, e, dada a benevolencia com que foi tratado, é muito capaz de estar esperando que tornem a absolve-lo para que novamente ele possa tornar a conspirar...

Deve ser engano

Recortamos do nosso presado colega *A Patria*:

«Está averiguado que se a revolução monarchica não tivesse abortado ainda no ovo, a primeira coisa que os monarchistas faziam, por esse paiz fóra, era a chacina geral de todos os republicanos.»

Chacina? Pode lá ser!

Isto é que se chama vontade de des-acreditar os meigos, os bons, os humanitarissimos monarchicos!

Ultima resolução

Dizia ha dias *Le Journal* que Couceiro quebrou a espada e ia emigrar! Não sabemos até onde chega a veracidade da noticia, mas devemos calcular que, a não se dar um tiro nos miólos e essa a melhor saída que o heroe gallego pôde ter. De fato, para que lhe serve a ele a espada que tanto o atraiçoou? Para que ficar na Galiza, onde o rapazio já lhe faz troça?

Quanto a nós, só a um dilema o submetteriamos: ou enfiar-se em alcool para servir de estudo aos vindouros, ou ir para um convento, onde no silencio do claustro podesse bem arrepende-se das asneiras que tem feito.

Socego

Não obstante os boatos que almas ruins e mal intencionadas lançam na via publica, á semilhança d'um vomito pestilento, cumpre-nos acentuar que ha tranquillidade por todo o Algarve. E que o Algarve foi uma das provincias que melhor se integraram e afeiçoaram ás novas insituições, nas quaes lobrigou a sua redenção. Acostumado ás promessas falidas da dissoluta monarchia, compreendeu que o seu futuro está na Republica.

E' natural que nada conseguisse em dois anos, porque compreende que o dinheiro que o Estado devia empregar no fomento das suas terras, vae integro para a defeza do paiz contra esses bandidos da Calabria, que procuram desnacionalisar-nos. Mas os algarvios dão por bem empregado esse dinheiro, sabendo aguardar a sua vez sem impacencias. Ordem e trabalho.

Gafarias

Supomos ser intenção do governo crear novamente as tão afamadas gafarias. A superabundancia de presos monarchistas assim o impõe, visto que o paiz, assolado pelas desavenças dos politicos, não pode estar á mercê d'essa pestilencia.

Os socialistas

Apesar das malevolas atoardas em sentido contrario, a attitude do Partido Socialista Portuguez na actual conjuntura é como não podia deixar de ser, de absoluta solidariedade ás instituições vigentes.

Assim o demonstra o seguinte periodo de uma moção enviada ao *Bureau Socialiste Internacional*, que transcrevemos para edificação e pasmo da talassaria hostil:

«Aute a Republica em perigo, abatamos os estandarles e corramos a defende-la.»

Não era bem isto que os cumplices de Couceiro desejavam mas... tenham paciencia e... resignem-se ou... vão para um convento.

Vida artistica

EXPOSIÇÃO DE ARTE

E' do nosso prezado colega *A Mocidade* o artigo que hoje reproduzimos acerca d'este brilhante certamen artistico.

Mártins Moreno, o academico que o assina, revela-se um contemplativo com finas qualidades de esteta.

Não é uma critica, é um despretençioso relato de impressões, a que o seu autor soube comunicar toda a emotividade do seu sentir, todo o sonhador devaneio que os quadros lhe sugeriram:

«Quizera ser um tecnico, quizera ser um artista para poder fazer uma critica tão justa quanto imparcial da *exposição de arte* que acerca de duas semanas nós vimos de admirar nas amplas salas do *museu Pedro Nunes*, antigo *Palacio Pantoja*, d'esta cidade. Porém, não sendo mais que um simples admirador apaixonado das magnificencias da arte, da poesia, lirismo e beleza das coisas, sómente aos meus presados leitores patentearéi, n'estas turtuosas linhas, as minhas impressões acerca de tal *exposição*...»

Foi em 1910, ha dois anos, que eu, o povo desta cidade e visitantes, tivemos occasião de admirar, pela primeira vez, os respeitaveis trabalhos dos srs. Lyster Franco e Ezequiel Pereira. Este ano, novamente, os mesmos trazendo a seu lado uma senhora — a sr.ª D. Maria A. Pires Chaves, a mais laureada ex-aluna da *Escola Pedro Nunes* e hoje discipula intelligente do sr. Ezequiel Pereira, se nos apresentam com obras de inconfundivel valor e soberba magnificencia.

Lyster Franco, infatigavel trabalhador, escritor fidedigno e artista sentimental, é quem mais nos salienta a sua atividade.

Entre os 31 quadros, todos retratando lindas paisagens, todos d'uma difusão de tons magnificamente reproduzidos, ele tem verdadeiras obras primas.

Pite-se por exemplo: *Margens do Arade*, *Alfarrobeiras*, *Arvore velha*, *Arvores — Boa Vista*, *Caminho Velho*, *Trecho da Ribeira*, *Arvore Velha*, *Um barranco*, e tantos outros de não menores revelações altamente artisticas.

São tambem soberbos os seus quatro quadros a *oleo* que nos apresenta. Aquelle *Velho Pedinte*, um velho de rosto macerado e carnes abatidas, tisanado pelos anos, rugosas, d'olhares nevoados e amortecidos, de aspecto angustioso e triste, como nos mostra a arte, engenho e sentimento que presidiram ao seu artista!

Do sr. Ezequiel Pereira, um artista não menos genial, dentre os cinco que apresenta, linda e suavemente esbatidos, a *oleo*, fitemos aqueles dois: *Tarde de verão* e *Moinho da Palmeira*.

Ante o quadro *Tarde de verão* nós sonhamo-nos uma tarde no campo encostados ao tronco d'uma frondosa arvore vendo o sol ir descendo lenta e morosamente no occaso, envolvendo toda a natureza num mistico sudario de luz rosa e sangue desmaiada.

Ante o quadro *Moinho da Palmeira*, julgamo-nos na quietude duma adusta barraca á beira mar, ouvindo o ciclar suave das aguas, entre dois ceus de cêrula pureza, nimbados de nuvensinhas leves e transparentes, que se espelham um no outro absortos.

Que o sr. Ezequiel Pereira era um artista de grande merito tambem eu já sabia, mas o que ignorava ainda era que elle tivesse uma discipula que o podesse acompanhar n'esta *exposição* com quatro bonitos quadros a *oleo*. E' ella a sr.ª D. Maria A. P. Chaves.

Talvez me chamem indelicado por deixar para o fim uma senhora, quando a boa civilidade manda que se fale em primeiro lugar das senhoras. Mas não sou.

E não sou, porque a sr.ª D. Maria A. P. Chaves entrando hoje na galeria dos artistas, como tal deve ser tratada.

E para se affirmar a artista não basta

EM DEFESA DA REPUBLICA

Mal supunhamos que as nossas ligeiras referencias á officialidade do 3.º batalhão do regimento de infantaria 33, viriam causar tanto alarme na cidade de Faro e talvez em toda a provincia, ou em todo o paiz. Ainda não entramos em declarações ou revelações categoricas e tão somente nos fizemos eco da opinião publica. Na qualidade de jornalistas e patriotas, que nos presamos de ser, não podiamos occultar á cidade, á provincia, ao paiz, o que tão insistentemente se divulgara. Não foram difamações ou calunias o que dissemos; foi unicamente um sinal de prevenção a todos os patriotas. Haverá no batalhão alguns officiaes republicanos, prontos a defender as Instituições escolhidas pelo Povo? Serão infundamentadas as suspeitas e inúteis ou desnecessarias as vigílias que se têm feito sob o impulso da mais ardente fé republicana? Oxalá que o futuro o demonstre, para honra e prestigio de todos. Odios da nossa parte, nenhuns. Desejos de que se mantenha a integridade da Republica, muitos. Apontaremos fatos, discriminaremos responsabilidades, e o publico apreciará.

Não ha motivo para retratações. Mas tambem não receiamos a contestação e as provocações de quem quer que seja. Iremos até ao fim. Foram-nos enviadas algumas cartas da officialidade; que passamos a publicar, reservando-nos o direito de lhes fazer os comentarios que merecem.

Ex.^{mos}. Srs. Lyster Franco e João Pedro de Sousa, directores e proprietarios de «O Herald».

O n.º 30 do *Heraldo*, de Faro, publicado hontem 21, com data de 20, insere uma local em que, de par com asserções gratuitas, de pretendidos fatos succedidos no quartel do 3.º batalhão de infantaria 33, ha frases que reputo offensivas para mim, e para os officiaes do batalhão do meu comando.

Por ter sido avisado das calunias, requeri em 20, ao ex.^{mo} comandante da Divisão, uma sindicancia a estas acusações. Está pois o assunto pendente d'essa sindicancia, de que resultará, ou a minha punição se prevariquei, ou o autor da local ter de dar contas á justiça dos aleives a que tão levemente deu publicidade.

O que eu porém, não delego em ninguem, é o direito de castigar as offensas que me sejam dirigidas.

Logo pois, que este assunto esteja officialmente liquidado, exigirei do autor da local a satisfação do insulto, ou reparação condigna, o que me cumpre notificar, como faço, no prazo de 48 horas, estabelecido em todos os codigos para liquidação de pendencias de esta natureza.

Sou de V. M.º At.º

D. Miguel de Alarcão

Major d'infanteria 33

Faro, 22-VII-912.

Ex.^{mo} Sr. J. P. Sousa, administrador do jornal «O Herald».

Tendo lido no numero 30 do jornal *O Herald* de que V. é administrador, de 20 de Julho, n'uma local epigrafada «Batalhão do 33», frases injuriasas para a minha dignidade de cidadão e militar brioso, que me preso de, o ser, dentro do prazo de quarenta e oito horas marcado pelo código de honra, notifico a V. que em tempo oportuno, que será logo que a sindicancia pelo sr. major comandante d'este batalhão dê por concluidos os seus trabalhos, exigirei de V. ou a retratação das injurias a mim dirigidas como official do batalhão de infantaria n.º 33 com quartel n'esta cidade, ou uma reparação pelas armas.

Faro, 22 de Julho de 1912.

Antonio Artur Pereira Luz

Capitão d'infanteria 33

Ex.^{mo} Sr. L. Franco, editor do jornal «O Herald».

Tendo lido no numero 30 do jornal *O Herald* de que V. é

editor, de 20 de Julho, n'uma local epigrafada «Batalhão do 33» frases injuriasas para a minha dignidade de cidadão e militar brioso, que me preso de o ser, dentro do prazo de quarenta e oito horas marcado pelo código de honra, notifico a V. que em tempo oportuno, que será logo que a sindicancia pedida pelo Ex.^{mo} major comandante d'este batalhão dê por concluidos os seus trabalhos, exigirei de V. ou a retratação das injurias a mim dirigidas como official do batalhão de infantaria 33 com quartel n'esta cidade, ou uma reparação pelas armas.

Faro, 22 de Julho de 1912.

Antonio Artur Pereira Luz

Capitão d'infanteria 33

Ex.^{mos} Srs.

Numa local do jornal de que VV. são mui dignos directores e proprietarios, sou alvejado como official pertencente ao 3.º batalhão de infantaria n.º 33. Desejava imenso que me declarassem, mas d'uma maneira positiva e categorica, no mesmo jornal, em que se basearam para afirmar que a officialidade do 33 se torna suspeita, quando é certo todos terem já provado a sua fidelidade ao actual regimen, a não ser, permita-se-me a expressão, que VV. só considerem como verdadeiros republicanos, aqueles que andam de gravata encarnada, empunhando a bandeira aos quatro ventos e dando vivas á Republica!

Creio que não, por conseguinte VV. para fazerem esse juizo da officialidade, deviam primeiramente indagar nas estações superiores e não fazerem acusações de animo leve, que muito prejudicam a disciplina e põem em fôco os officiaes que, desgostosos, são levados para um campo aggressivo.

Como eu, por exemplo, posso ser considerado como suspeito, se o sr. Governador d'Angola, ex.^{mo} major Norton de Matos acaba de me requizitar para uma comissão de serviço n'aquella provincia? Estou por certo se fosse considerado como suspeito, as estações superiores não me nomeariam.

Confiado no vosso criterio e justiça, espero ainda ler no vosso jornal um desmentido, para satisfação d'aquelles que só trabalham em deteza da patria.

Com a maxima consideração e respeito

De VV. C.º At. e Obg.

Augusto da Silva Fernandes

Alleres ajudante do 3.º batalhão d'inf. 33

Senhores João Pedro de Sousa e Lyster Franco.

Tendo conhecimento que no *Heraldo* e hontem veio uma noticia referente ao 3.º batalhão de infantaria 33 em que se empregam frases offensivas para os officiaes d'este batalhão, como cidadãos e como militares, notifico-lhes, em harmonia com o preceituado nos codigos d'honra, que logo que este assunto seja liquidado pela sindicancia requerido pelo comandante do batalhão, eu exigirei dos Senhores a devida satisfação ou reparação pelas armas.

Faro 22 de julho de 1912

Francisco Lopes de Culharos e Menezes

Alleres d'infanteria n.º 33

Ex.^{mo} Sr.

Faro, 22-7-912.

No jornal «O Herald» de que V. é editor, e portanto o responsavel pelo que n'ele se publica, insere n'uma local com a epigrafe «Batalhão 33» uma calunia, uma infamia, que só as columnas do seu jornal a podia publicar.

Eu na qualidade de official e pertencente ao 33, exijo para poder manter inalteravel a minha honra brio e dignidade que V. immediata e publicamente justifique o que disse, aliaz de gravidade, porque não o fazendo até á nova publicação do jornal, torna-se V. o unico responsavel pelo que possa succeder.

O que V. tão levemente publicou no jornal, que como disse é uma infamia, constitue ao mesmo tempo uma offensa aos officiaes e mais praças d'este batalhão, não só como patriotas e amigos da sua patria, senão como bons republicanos, que conscio dos seus deveres e esforçando se todos para bem servir o paiz, se veem sem a menor razão a não ser no cumprimento do seu dever, assim publicamente caluniados por V. e que tão graves inconvenientes pode acarretar tal difamação.

Posso garantir a V. que n'este quartel todos, sem exceção, são republicanos com quem a nação pode contar em qualquer ocasião, e com mais segurança do que n'aquelles que apregoam aos quatro ventos que o são, e andam dando vivas pelas ruas. O soldado não precisa fazer isso.

Depois do que deixo dito espero uma satisfação publicamente.

Sem outro assunto mais, aguarda a sua resolução este criado de V.

Antonio Francisco dos Ramos

Tenente

somente que fitemos aquele seu quadro *Hortaliças*, d'um colorido tão belo e natural, e d'uma agradabilidade tão doce á vista?

Diz o meu amigo Agostinho Junior, no seu relato inscrito em *O Sul*, que lhe falta a *emotividade caracteristica da Arte*; concordo, mas a beleza, colorido, doçura e naturalidade com que a sr.^a D. Maria Chaves reproduz aqueles frutos, aquelas hortaliças, não serão uma sublime revelação d'Arte?

Certamente; e por isso ela é uma artista digna de muitos elogios e incitamentos.

Em nome deste jornal saúdo os artistas e convido todos a ir visitar tal *exposição*, porque não irão lá somente admirar o trabalho de artistas, mas tambem contemplar estasiados magnificos trechos d'esta risonha provincia do sul.

No proximo numero publicaremos o nome das pessoas que ultimamente tem visitado a exposição.

CONTOS E NOVELAS

OS FANTASMAS

Tinha visões horróricas, o sr. Simfrônio.

A's vezes, em plena conversação por mais interessante que fosse, desvairava e começava gritando:

—Os fantasmas! Os fantasmas!... Oh! Os fantasmas!

Depois mergulhava n'uma especie de marasmo, n'uma semiolencia cataleptica, soçegada e triste.

Quando tornava a si, de balde o interrogavam sobre tão estranhas palavras.

O sr. Simfrônio nada dizia, nada explicava, de coisa alguma se recordava.

Por varias vezes tambem eu tentei descobrir aquele misterio, mas sempre em vão, sempre inutilmente!

Men amigo intimo, apesar de muito mais idoso, o sr. Simfrônio escolhera-me para seu confidente e não raras vezes me contava, com aquete espirito subtilissimo que todos lhe conheciamos, as suas aventuras, as suas ambições, os seus sonhos doirados e, n'um encanto de frase que faria inveja ao orador mais distinto, tambem ás vezes me historiava as suas aventuras amorosas.

Uma occasião,—lembro-me bem de que por sinal havia algum tempo que o sr. Simfrônio não sofria dos tremendos ataques que tanto o afetavam,—contou-me de uma das ultimas senão a ultima das suas proezas de amor.

Confesso que pela singularidade uma tal revelação se me ficou na memoria com violencia só comparavel á da agua forte n'uma chapa de cobre polido.

—Ah! meu querido amigo,—começou ele, olhando distraidamente atravez da janella escancarada o tranquillo adormecer dos campos,—a historia que vou contar-lhe vai talvez parecer-lhe ignominiosa para mim e para a mulher que n'ela figura, mas que quer. A carne é fraca... fraquissima! Sob este ponto de vista eu não dvidio afirmar-lhe que é muito fraca a minha carne.

—Quando envinhei, passados os tradicionais dias de nojo, acostumei-me a ir ao cemiterio.

Escolhia de preferencia ás tardes para estes passeios melancolicos e não poucas vezes assisti á piedosa tarefa do acender do lampadario junto do altar do meu jazigo, onde, n'uma prateleira, um bujido caixão de galões reluzentes e coberto de pomposas corôas com eternecedoras, dedicatorias, atestava o logar occupado pela minha chorada esposa!

E quasi sempre, lagrimas de uma saudade pungente resvalavam-me pelas faces tristes!

—Não sei se já se convencer de que não ha balsamo melhor para curar as maiores paixões do que o tempo. Eu tambem até então me não tinha convencido, vou, porém, dizer-lhe como e de que maneira me convenci.

Quem habitualmente tratava do meu jazigo era o coveiro, um velho seco e mirrado; d'este trabalho auxiliava-o a filha, uma rapariga fransina e linda, com uns olhos tão aveludados e negros que até pareciam feitos do veludo que forrava o caixão da minha defunta.

A área do cemiterio era grande e uma epidemia que então começou grassando obrigou o velho coveiro a delegar na filha as suas attribuições de forma que foi ella quem começou a vir surpreender-me nas minhas orações dizendo-me com a sua voz clara e infantil:—Então... resigne-se! Resigne-se!

E eu olhava para ela num grande reconhecimento por aquellas palavras meigas e afastava-me silencioso e grave, emquan-

to ela enchia de azeite a lampada destinada a alumiá a putrefacção lenta da minha pranteada esposa!...

Dizer-lhe que esta cena se repetiu longos dias... muitos dias parece-me inutil... Primeiramente tudo se passava como ao principio... em só findava as minhas orações quando ella, a filha do coveiro, me vinha aconselhar resignação e pelo habito de ouvi-la, pela entoação meiga das suas palavras, estabeleceram-se entre nós uma doce intimidade... Reparei então que era de veras interessante a filha do coveiro.

Um guspi nada magra; era contudo dotada d'uma flexibilidade que mesmo d'essa magresa tirava partido, fazendo-a assemelhar-se n'uito a essas figurinhas de bronze que a arte moderna nos apresenta nos centros de meza e nos candelabros, sustentando tulipas coloridas, em gestos largos, volutosos e finidicos...

D'uma vez, a seguir ao seu habitual—*resigne-se... resigne-se*, ella mais rapida n'aquelle dia do que nos outros, acendeu a lampada e exclamou como que falando consigo mesma:—Hoje não me posso demorar. Tenho que ir ver se o jazigo do sr. Conde de... está na ordem. Amanhã é o aniversario da morte d'ele e toda a familia visitará o jazigo... E depois, para mim:

—Já vin o jazigo do sr. Conde de... E' o mais rico que cá temos!

E como eu fizesse o gesto que traduzia a minha ignorancia:—Venha comigo, ve-lo-emos os loís... I Verá que aprimorado gosto e que simplicidade tocaetel...

Fômos. O jazigo era na verdade imponente na rigidez das suas linhas! Rodeavam-no dois grandes ciprestes que, áquelle hora, envoldidos pela luz suave do entardecer, pareciam velados por uma peira acarinada... Todo o sepulcro tingido pelos tons suaves do entardecer mais lembrava um fantastico templo do Amor do que um deposito de carne para os vermes...

Entrámos. A imponencia exterior correspondia esplendidamente a ornamentação interna.

Vitraes, imitação bizantina, representavam, em cores limpidas e vividas uma Ressurreição de Lazaro... ao redor, sobre fundos doirados e palidos, imagens de santos destacavam-se e, a um canto, sobre uma prateleira de porfiro, quebrava a mancha clara d'aquelle interior tranquillo, a preciosa arua de mogno com incrustações de prata, onde dormia o seu ultimo sono o mui nobre Conde de...

Elle puchou com as mãos finas a corrente doirada que suspendia um lampadario rico e acendido.

Uma claridade suave, harmonisando-se deliciosamente com os tons fortes dos vitraes, pairou no ar...

Não podendo calar a minha admiração, eu exclamei piedosamente:—Oh! Como deve ser bom aqui dormir!

Não sei que interpegação a formosa rapariga deu ás minhas palavras, sei apenas que, como resposta, a sua fronte me pareceu mais incendiada do que a reverberante claridade que se escoava pelos vitraes e que, sem que eu me preparasse para tão inesperada quanto agradável surpresa, o seu corpo ondulado e macio me caía nos braços n'uma febre amorosa e terna que, comunicando-se-me, fez com que ambos nos alheassemos da santidade do logar e do respeito do sitio, construindo naquele triste pavilhão da Morte a mais palpitante e risonha apoteose á Vida!

A historia do sr. Simfrônio horróricamente. Tive a intuição de que os seus ataques se relacionavam com a profanação que acabara de contar-me e mais, muito mais convencido fiquei de que me não enganara quando, d'ali a pouco, os seus olhos se esbugalharam e acompanhando-se de esgares medonhos a sua voz rouca começou gritando:

Oh! Os fantasmas! Os fantasmas!!!

Lyster Franco.

CANCIONEIRO DO POVO

Quando digo que te adoro
Dizes sempre que te minte,
As maguas que por ti soffro
Deus as sabe e en as sinto.

Assubi ao limoeiro
Cinco folhihas contei,
Cinco sentidos que tinha
Todos em ti empreguei.

O meu coração do teu
E' custoso de apartar;
E' como a alma do corpo
Quando Deus a quer levar.

O ateu está para a religião como o anarquismo para o socialismo

Isto ouvimos nós ha pouco a um socialista quando questionavamos sobre religioes.

Diziam-nos mais: «socialismo não é ateísmo, nós não combatemos religioes, porque sendo o socialismo a reorganisação da Sociedade, o seu aperfeiçoamento, não podiamos deixar de não seguir o que ela acha de mais perfeito. De modo que o Socialismo aceita o que está, aceita tudo e até acceitaria os maiores absurdos logo que a Sociedade com eles se julgasse feliz, n'uma palavra o socialismo não ama a verdade, não a apregoa, apenas se limita a aceitar o que um povo ignora, inculto, arreigado a falsos preconceitos, toma por mais perfeito.

Mas a que proposito vem isto? Porque nós diziamos que sendo o socialismo uma doutrina avançada, com base no materialismo, não podia aceitar religioes, pelo menos as existentes baseadas, como o são, em misterios que só a fantasia d'um povo ignorante e supersticioso poudé crear.

Mais tarde, não nos lembrando a expressao que nos serve de epigrafe, abordamos de novo o nosso articulista e pedimos-lhe que no'la repetisse.

—Não me lembro—respondeu-nos. —E' assim pouco mais ou menos n'este sentido—retorquimos nós—que o homem sem religião é como o barco sem leme».

—Não eu não podia dizer isso—acrescentou o nosso articulista já um tanto afetado. Eu que não posso admitir é: que o ateu, que guerreia todas as religioes, nos queira impor a sua vontade, o seu modo de ver, que por si mesmo fica sendo tambem uma crença, uma outra religião.

A isto nos calamos, porque realmente assim é, mas temos que estranhar esta nova attitudé dos Socialistas portugueses, porque o que tambem não podemos admitir é que nos queiram impôr religioes baseadas em milagres que nunca se deram e em dogmas que toda a ciencia desmente, e isto tudo com o fim de fazer com que as massas populares, aquelas que tudo produzem, se resignem, se satisfaçam com a situação esclavagista a que as reduziram.

Mas descanse o articulista que não se trata aqui do ateísmo, porque se o ser ateuista é ser impio, onde encontra em nós a impiedade? Além d'isso, é como o nosso articulista diz,—nós não crendo em religião alguma, temos contudo a nossa crença, que é simplesmente a verdade demonstrada á evidencia, como dois mais dois são quatro, isto é, a verdade mathematica.

Diz ainda que isto de per si não é ainda a ultima palavra, porque aquilo que hoje se toma por verdadeiro, não passa talvez amanhã d'uma mentira, d'um absurdo. Decerto assim pode succeder, mas para essas verdades convencionaes que a Humanidade toma por tradição e não para aquelas outras baseadas na evidencia.

De resto, nós tambem não perseguimos religioes nem impomos a nossa vontade, apenas pretendemos esclarecer pela realidade aqueles cerebros que ainda hoje creiem porque ao mestre o disse, para que cada um faça por si mesmo o seu juizo de tudo isto que nos cerca, que nos dá a vida e no'la tira, mas um juizo baseado na evidencia, n'aquilo que se não pode em nenhum tempo contradizer.

Não caberá este nosso modo de ver já no socialismo?

Em socialismo de sacristia com certeza que não, e n'esse caso preferimos consolidar primeiro a Republica nos principios democraticos.

Mas este je vae longo por isso guardamos a segunda parte para a outra vez.

Miguel Penha.

Noticias da instrução

Foi superiormente determinado que o ano letivo corrente termine em 31 do corrente mês.

—Tambem foi determinado superiormente que para vogaes do juris dos exames 2.º grau sejam nomeados de preferéncia, professores das sedes dos círculos ou das escolas limitrofes, de modo a serem reduzidas as despesas de viagem e haver facilidade no serviço.

—Segundo o decreto de 8 do corrente publicado no Diario do Governo n.º 162, os exames de instrução primaria do 2.º grau devem terminar em todo o paiz até 15 de agosto proximo futuro.

MUNDO EM FÓRA

Pelo estrangeiro:

Com enorme concorréncia realizou-se no estadio de Stocolmo uma grandiosa festa de sport em beneficio da familia do inditoso corredor portuguez Francisco Lazaro.

—Foram atacados pela esquadra turca os torpedeiros italianos que tinham conseguido internar-se no estreito de Dardanelos.

—Encontra-se perigosamente enfermo o imperador do Japão.

—Não se confirmou o boato de ter naufragado o contra-torpedeiro Cavalier da marinha franceza.

—Comemorando a tomada da Bastilha foram indultados varios presos politicos, entre eles Gustavo Hervé, acusado de propaganda anti-militarista.

—Em Himsdale (Nova York) deu-se um violento choque de comboios de que resultou a morte de treze passageiros. O numero de feridos passa de cincoenta.

Foi eleito presidente da Republica do Panamá o sr. Parras.

—Tem havido grandes tempestades no estado de Guanajato, Mexico.

—Constituiu-se em Florencia o novo partido socialista italiano.

—As sufragistas preparam uma manifestação hostil contra o sr. Asquith.

—Amotinaram-se os presos do carcere Modelo de Valencia.

—Morreu o conhecido escritor escocez André Laug.

—Os aviadores Garnier e Védrires realizaram o raid Pamplona-Tudela-Estela-Pamplona.

—O aviador Conclard deu uma queda mortal em Versailles.

—Uma cança que conduzia quatorze officiaes do couraçado alemão Thuringe, ancorado em Nidden, voltou-se em virtude do Estado do mar, morrendo afogados dez officiaes.

—De Burgos participam ter-se voltado um automovel omnibus que fazia a carreira de Aranda del Duero, ficando gravemente feridos treze passageiros.

Pelo paiz:

Na Ilha Terceira o atleta John Alves matou a tiros de revolver o ator imitador José Vaz.

—Chegaram a Lisboa vindos da Suissa, os filhos do sr. dr. Afonso Costa.

—O paroco de Fanzeres foi prohibido de residir no concelho de Gondomar, durante o espaço de um ano.

—Por causa de vinte reis travou-se em Lisboa uma grave desordem em que se envolveram diferentes pessoas ficando algumas gravemente feridas.

—Começa no proximo sabado em Chaves, o julgamento do cabecilha conspirador D. João de Almeida.

—Foi imponentissimo o funeral do inditoso administrador do concelho de Cabeceiras de Basto, cobardemente fuzilado pelos bandoleiros realistas.

A cerimonia realizou-se em Aveiro onde o corpo chegou em um vagão armado em Camara ardente e ornamentado com bandeiras nacionaes.

Incorporaram-se todos os elementos civis e militares e todos quantos em Aveiro amam e defendem a Republica.

—Foi uma significativa manifestação de saudade que jamais se apagará da memoria de todos os patriotas.

—Vão ser vendidas em leilão as joias da falecida rainha D. Maria Pia.

—Por ter atingido o limite de idade deixou o comando da primeira divisão militar o general sr. Antonio de Carvalho.

—Em Aljustrel, á saída de uma reunião politica, em que se tratou da reorganisação do Partido Republicano Portuguez d'aquelle concelho, foram disparados varios tiros.

—Um violentissimo incendio destruiu dois andares de um predio na Rua Nova do Almada, em Lisboa.

—Em Lamego houve ha dias um violento incendio, que destruiu 5 predios, causando um prejuizo de mais de 20 contos de reis. Estes predios eram quasi todos habitados por familias pobres, que nenhuma coisa tinham no seguro.

Em menos de dois anos, já Lamego tem sido teatro de tres incendios memoraveis, que lhe destruíram perto de 40 predios.

—No combate de Chaves, contra os conspiradores, as forças republicanas gastaram 49 mil cartuchos.

—Hontem, ás 5 horas, manifestou-se um violento incendio no edificio da Escola de Torpedos e Electricidade, em Vale de Zebro.

Arderam por completo o deposito de material naval, refeitório dos sargentos, secretaria, armamento e correame.

O incendio foi extinto pelo pessoal da escola.

Não houve explosões nem desastres pessoas, mas são grandes os prejuizos.

Pelo Algarve:

Foi nomeada uma comissão composta do 2.º comandante, 1.º tenente Tavares e engenheiro naval Eugenio Estanislau de Barros, para vistoriar a corveta Duque de Palmela.

A comissão foi de parecer que o estado geral do navio é mau, não merecendo as reparações que tinham sido requisitadas.

Serviram de auxiliares da comissão, o operario chefe do arsenal de marinha, Antonio Cesario Sales e o carpinteiro do navio.

—Consta-nos que se vae constituir Centro Republicano Democratico em Moncarapacho.

—Ao que se diz, dois dos officiaes do 3.º batalhão do 33 vão ser transferidos para infantaria 19.

—Foi promovido a tenente coronel e colocado no regimento de reserva n.º 14, com séde em Vizeu, o major de infantaria 4, sr. Paulo Gomes.

RECLAMAÇÕES

Pede-nos o nosso amigo sr. Acacio Chaves que chamemos a attenção da comissão municipal para a irregularidade do alinhamento de um predio em construcção, contiguo ao de Raquel Abilio, o qual, a seguir-se o risco projetado, ficará com um recanto ao lado de uma porta, recanto que decerto não tardará em ser transformado em mictorio, com grave prejuizo da visuação e em especial dos moradores do referido predio.

—A' comissão municipal de Faro lembramos a conveniencia que ha em, com toda a urgencia possivel, fazer levantar da cerca dos Capuchos desta cidade, a estremeira que ali se vê, central como se encontra na referida cerca, e na estação calmosa que atravessamos, decerto os dejetos pestilentos ali expostos aos raios do sol, devem fatalmente, devem fatalmente causar graves prejuizos nas suas imediações. Chamamos pois a attenção da Comissão Municipal para este fato a que urge acudir.

D. RODRIGO SORIANO

Está em Lisboa o illustre deputado republicano espanhol D. Rodrigo Soriano.

Não é facil descrever a imponentissima e carinhosa recepção que foi feita ao illustre democrata.

Póde dizer-se que a alma nacional, tão punzantemente ferido pela politica jesuitica de Canalejas, vibrou de entusiasmo ao ouvir da boca do grande tribuno hespanhol as palavras de fraternidade e de justiça para com o Povo Portuguez e que representam o sentir do povo da Hespanha.

INSUBORDINAÇÃO

Os soldados do 3.º batalhão do regimento de infantaria 33, quando hontem de manhã lhes foi apresentado o rancho, não quizeram levantar o. Formaram juntos na parada do quartel, aos gritos de Viva a Republica e abaixo os talassas!

O tenente Antonio Francisco dos Ramos tentou demovê-los do seu proposito, mas nada conseguiu e até se diz que se refugiou n'um quarto.

Compareceu então na parada o major Alarcão, que procurou abrandar os animos dos soldados, levantando vivas á Patria. E os soldados correspondiam com vivas á Republica. Tornou o major a dar vivas á Patria, e os soldados irromperam de novo com vivas á Republica.

A' tarde correu a noticia de que o batalhão do 4, cujas ideias republicanas estão sobejamente conhecidas, se tinha pronunciado contra o batalhão do 33 e que reunira por esse motivo. Soubemos depois que felizmente não era verdade e que tal coisa constou pela razão de ter ido ali o major do 33, conferenciando com a officialidade do 4, do que resultou reunir-se o batalhão para o proprio major do 33 pedir aos soldados que não maltratassem nem odiassem os seus camaradas.

N'esse mesmo dia, já mais tarde, havia no jardim publico varios grupos de soldados, comentando e apreciando a seu modo os acontecimentos, tendo que intervir os officiaes, que os aconselharam a dispersar, e foi então que os soldados, vendo-se na legitima necessidade de lutar pela mesma causa, ainda que os incitem a proceder d'outra maneira, confraternisaram dando vivas á Republica e aos soldados dos dois batalhões, e gritando abaixo os talassas!

Por aqui se vê que não é das mais invejaveis a harmonia entre os soldados e a officialidade do 33.

POR ESSE ALGARVE

Olhão

Tem corrido n'esta vila varios boatos acerca de manejos reaccionarios.

Aqui continua a ser letra morta o artigo 37 da lei da separação que proibe os toques e repiques.

Chamamos a attenção do sr. administrador do concelho para que se não repitam taes abusos.

Consta que o sr. administrador do concelho aconselhou os republicanos d'esta vila a não fazerem qualquer manifestação no dia em que chegou a noticia da vitoria das nossas forças em Chaves.

Caldas de Monchique

Encontram-se muitas familias fazendo uso d'estas balas aguas.

Todas as habitações estão alugadas, os hotéis estão completamente cheios e o hospital repleto.

Muita gente mas pouca animação.

A maioria dos banhistas são talassas que em vez de se divertirem passam o tempo a churar a derrota de D. Paiva e a dizer mal da Republica e dos seus homens publicos, praguejando contra os carbonarios e amaldiçoando o exercito porque não aderiu a santa causa dos inimigos da Patria!

Pobres patetas!

Aproveitamos a occasião para pedir ao sr. diretor dos correios e telegrafos d'este distrito que faça sentir á encarregada da estação telegrapho-postal d'aqui, quaes são os seus deveres para com a Republica que lhe paga e que a mantem n'um lugar que está longe de bem servir.

Esta sr.ª está convencida que a Republica não tem força bastante para a fazer entrar nos eixos e é por isso que não se coibe de abandonar a estação ás horas de serviço para ir á missa ouvir as predicas do sr. prior.

Mas o peor não é isto. O peor é que esta senhora tem a mania de não se esquecer de contar ás pessoas das suas relações, isto é, á talassaria, o conteúdo de qualquer telegrama que d'aqui seja expedido, com especialidade sendo de qualquer republicano.

Além d'isto, para esta senhora, os meliores bucadinhos são aqueles em que diz mal da Republica e afirma que o paiz está sendo governado por ladrões e que os republicanos consistem em uma cória de temulentos, sapateiros e anafabatos.

Ora a talassinha!

Se fuisse homem era capaz de já se ter passado para as hostes de D. Paiva assim, como é dama, contenta-se em associar a sua linguinha farpada á do senhor feudal d'estes sitios, o talassão dr. Bentes.

GAZETTEIRA

Den entrada na redação do Heraldo um grande numero de mimosas cartas desafiantes de duques, escritas pelos officiaes do 3.º batalhão do regimento de infantaria 33.

Agora que eu já pensava Em gosar a pacatez. Sinto pesar sobre mim A questão do trinta e trez.

Já não durmo nem descanço, Passo a vida em mans bocados, A pensar que os redatores Dentro em pouco estão furados.

Ve-los morrer causa dó, Assim tão cheios de vida; E eu não sei, francamente, Como seja a despedida.

Sete anelos e meio E' coisa forte de mais, Que decerto vae trazer Efeitos multos fataes.

Depressa, fujam depressa, Quando não morrem feridos Pelas espadas certeiras, Pelas valentes fumaças, Do major, do capitão, Do tenente e dos alferes A quem chamaram talassas.

Fio de Linho.

ELEIÇÕES

O Partido Republicano de Estoi elegu para vogais da Comissão parochial da mesma freguezia os seguintes cidadãos:

Efetivos—Joaquim Afonso de Brito, José Nunes de Andrade, José de Sousa Teixeira, Manuel Rodrigues Corvo e Jose do Jesus Zeferino.

Substitutos—José Xavier Pereira, Francisco Fernandes Rodrigues, Antonio Joaquim Feijão, José Aleixo e Joaquim Miguel.

N'esta Comissão, talqualmente como nas outras comissões parochiaes, entram cidadãos de reconhecida competencia e da maior confiança politica. São republicanos sinceros, que muito presam

as Instituições e os principios democraticos e que por isso constituem uma garantia segura para defesa da Republica.

Com esta eleição, ficaram legitimamente organisadas todas as comissões parochiaes do concelho de Faro.

Vae agora ser eleita a Comissão Municipal.

RETIFICAÇÃO

Cumpre-nos declarar que na indicação dos nomes que constituem a comissão politica de S. Braz de Alportel, escrevemos por equívoco João Antonio do Estanco, em vez de João Martins do Estanco, e Antonio Martins Coelho, em vez de Manuel Martins Coelho.

NOTICIARIO

Foi colocado em Tavira, no 2.º batalhão de infantaria 4, o nosso presado amigo e correligionario sr. major Sebastião Ramalho Ortigão.

—Na segunda feira passada proferiu o sr. Juiz de Direito a sentença respeitante ao processo de investigação de paternidade ilegitima requerida por Maria da Graça, em nome de seus filhos menores Joaquim Guerreiro e Julia das Dores, contra o sr. Francisco Guerreiro Afonso Junior, de Faro. Esta sentença condenou o reu, obrigando-o a reconhecer os menores como seus filhos. Foi advogado da autora e dos referidos menores o sr. dr. João Pedro de Sousa, diretor d'este bi-semanario.

—Retiram amanhã para Lisboa o engenheiro naval sr. Eugenio Estanislau de Barros e o operario chefe de 2.ª classe sr. Antonio Cesario Sales, que vieram vistoriar a corveta Duque de Palmela.

—Visitou-nos n'esta redação o nosso presado amigo sr. João Estevão Aguas, brioso capitão d'infanteria 4.

CENTRO REPUBLICANO DEMOCRATICO DE FARO

Convocam-se os socios do Centro Republicano Democratico de Faro a reunir em assembleia geral no dia 29, pelas 21 horas, na séde do mesmo Centro, e não se juntando numero suficiente de socios, desde já se convoca a assembleia para o dia 31, pela mesma hora. Tratar-se-á entre outras coisas, de eleger a Comissão Politica Municipal.

O vice presidente, Lyster Franco.

CARTEIRA

Fazem anos: Am-nhã, 23—D. Maria Manuela Martins, D. Carolina Alves de Mondoca, D. Laura Moniz Baldrá, D. Clarice Mendes Basto, D. Carolina Glória, D. Josefa Mauricio Bentes, José Antonio da Silva, Julio Bentes Simões, João Antonio Martins, Leopoldo José Saraiva e João Lopes.

Quinta, 26—D. Laura Salgueiro Mendanha, D. Maria das Dores Serpa Viegas, D. Mariana da Luz Urbana Estrela, D. Josefa Cunha, D. Lucrecia dos Reis Varela, D. Maria Albina da Costa, José Francisco Galego, João Fernandes da Cruz, Balista Ferreira e a meoia Sofia Mascarenhas Raimundo.

Sexta, 27—D. Antonia da Cruz Viegas, D. Elvira Moreira Belo, D. Luiza do Carmo Montes, Isaura, Santos, D. Leopoldina Alceim Gonçalves, José das Chagas, Augusto Mascarenhas Campos, Domingos Augusto Soares, Antonio Filipe Ramos, Manuel José Vieira e João Baptista da Silva.

Neurologia: Realizou-se hoje pelas 7 horas, o funeral do sr. dr. Antonio Emilio Guerreiro, tio das sr. tenente coronel Rodrigo A. de Aboim Ascenção, Antonio da Costa Ascenção e dr. Joaquim Rodrigues Davim.

O enterro saiu com grande acompanhamento da estação do caminho de ferro para o cemiterio da Esperança.

Queixou-se-nos o sr. João Martins Ramos, acreditado farmaceutico d'esta cidade, de ter sido violenta e traiçoeiramente agredido pelo seu cunhado, tenente da armada sr. Sebastião José da Costa.

DIÁ HISTORICO

24 de Julho: 1795—Morte do explorador Bernald. 1829—Morte do illustre poeta scandinavo Fríotof Harald. 1845—Conspiração contra o rei da Suecia.

25 de Julho: 1139—Batalha de Campo de Ourique. 1593—Henrique IV abjura o calvinismo. 1789—Lafayette apresenta o laço tricolor á Assembleia Nacional. 1833—Grande araque nas linhas do Porto.

26 de Julho: 1581—As provincias unidas dos Paizes Baixos declaram-se independentes da Hespanha. 1582—Batalha naval nos Açores contra o partido de D. Antonio, Prior de Crato.

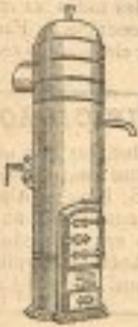
LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1888

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelas preças das fabricas. Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem válvula, de effeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema allemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zintado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folhas. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A FILHA DO DIVORCIO
Romance francez de maior interesse na actualidade, por um dos mais afamados escritores francezes e illustrado com magnificas gravuras francezas.
Está em publicação pela acreditada casa editora Bellen & C. Succ. Lisboa.
Brinde aos srs. assinantes: uma estampa em chromo com um assunto de grande novidade.
Caderneta semanal de duas folhas, 16 paginas, 20 réis. Tomo quinzenal ou mensal de 16 folhas, 100 réis.
As expedições serão feitas em cadernetas de 20 réis ou em tomos de 100 réis, sem in o porte á custa da empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido a importancia antecedente.

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros maritimos

Seguros de cristals

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alacrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

CREADA

De meia idade, para cosinha e outros serviços, precisa-se em casa do dr. Delegado de Faro. Não se faz questão de ordenado.

TAVIRA

Vende-se uma morada de casas na rua José Joaquim Jara, n.º 52, com cinco compartimentos, corredor e quintal. Trata-se com a dona na mesma casa.

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONALES DA NOSSA CIVILISACAO

A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUCAO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO — cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

CONDICÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)
Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1\$440 réis; Provincias, 1\$500 réis avulso, 120 réis.
Brazil (moeda forte) (um ano) Pelo correto, 1\$700 réis.
Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

Revista literaria e científica de que é Director
MARQUES ABREU
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

ARTE

SECCAO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A. PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E COMBINAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRECTORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44
FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumanó

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO — (Vidago, Vidago n.º 2 e Subroso)
AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espida)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

É um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — A saude das creanças.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doencas venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do cambio de ferro, que são, respectivamente, 50 réis 249 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova da Portimão; despesa esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois neste caso regula por 1000 réis.

Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi no dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da redução da despesa resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

JOSÉ MARTINS DA CUNHA

SOLICITADOR REGISTRADO EM

VARIOS TRIBUNAES DO PAIZ

Produtos quimicos e Farmaceuticos
Fenagens e papelaria
Vinhos finos e liceres
Queijos e manteigas
Despachos de importação, exportação, de navios, etc. etc.

Correspondente de varios jornaes de Lisboa e Porto
Agente de companhias de seguros
Procede a cobranças de rendas e dividas
Folha de Flandres, marca F. C. B. Y.
Óleos para mequinas e luzes

Assuntos de justiça e repartições publicas
Venda de artigos do Algarve
Fabrica de calçambos e letas esmaltadas
Mercearia completa
cofres, prensas e balanças
Escrituração comercial

22 -- RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO -- 28

FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus